



Diáspora Negra: um Entre-Lugar na Porta do Não Retorno e o seu Reflexo

Janaina Ferreira¹

Resumo:

Neste artigo, o objetivo é investigar, nas transcritas das escritas negras de Ponciá Vicêncio e Maréia, das autoras Conceição Evaristo e Miriam Alves, como as experiências negras na diáspora estão voltadas para a concepção de retorno a uma terra reinventada no imaginário (e pelas lentes coloniais e neocoloniais europeias) dos povos negros descendentes de africanos escravizados nas Américas. Para tanto, problematizo a “Porta do Não Retorno” de Dionne Brand (2022) em diálogo com Avtar Brah (2005), Carole Davies (2003), Toni Morrison (2020) e Beatriz Nascimento (2020). A conjectura é que, ao realizar esse estudo, será possível vislumbrar as semelhanças e dessemelhanças nos escombros de memórias negras, que se metamorfoseiam sobre uma memória distante, às vezes ingênua, do continente africano². Portanto, esta pesquisa fundamenta críticas de dentro (e fora) da Porta do Não Retorno e, por meio delas, instigo o pensamento por entre novos espaços, rotas e encruzilhadas, as quais podem possibilitar ao sujeito negro formas de se inscrever no mundo à medida que transpassa e dialoga com o trauma escravocrata.

Palavras-chave: Porta do Não Retorno; casa racial; diáspora; literatura negra.

Black Diaspora: an Entre-Lugar at the Door of No Return and its Reflection

Abstract:

In this article, the objective is to investigate, in the *transcritas das escritas* of Ponciá Vicêncio and Maréia, by authors Conceição Evaristo and Miriam Alves, how Black experiences in the diaspora are oriented towards the conception of a return to a land reinvented in the imagination (and through the colonial and neocolonial European lenses) of Black people descended from enslaved Africans in the Americas. To this end, I problematize Dionne Brand's “Door of No Return” (2022) in dialogue with Avtar Brah (2005), Carole Davies (2003), Toni Morrison (2020), and Beatriz Nascimento (2020). The conjecture is that, by conducting this study, it will be possible to glimpse the similarities and dissimilarities in the remnants of Black memories, which metamorphose over a distant, sometimes naive, memory of the African continent. Therefore, this research grounds critiques from within the Door of No Return and, through them, I stimulate thinking through new spaces, routes, and crossroads, which can enable Black individuals to inscribe themselves in the world as they supplant and dialogue with the trauma of slavery.

Keywords: Door of No Return; racial House; diaspora; black Literature;

¹ Doutoranda em Letras, Estudos Africanos e Afro-brasileiros (PPGL/UFPA). Mestra em Letras, Estudos Literários (PPGL/UFPE). Pesquisa sobre a suplantação do trauma escravocrata nas literaturas negras das Américas. Atualmente, dedica-se ao estudo da relação “Transcrita das escritas” a partir dos conceitos de Escrita, de Conceição Evaristo, e Transcrita, de Roland. Professora Especialista em Língua Portuguesa, no município de Garanhuns/PE.

E-mail: janainaferreira.jf231@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6092-7914>

² Utilizo o termo “África” em vários momentos deste artigo. Contudo, ressalto que minha intenção não é reduzir o continente africano à representação única de suas diversidades culturais, linguísticas, espirituais, sociais, econômicas e históricas, mas sim fazer uso do termo para remeter (e criticar) a forma como o continente africano nos foi apresentado ao longo da história pela narrativa branca eurocentrada.



1. Introdução³

Corpo Negro: eus esvaziados no existir diaspórico

PORTAS

quais portas visitar
para encontrar os abismos
de um rosto sem reflexo
escondido nas sombras
desta e daquela terra

PORTAS

quais portas transpor
para reencontrar
um passado assombrado
desesperado escondido
entre tocas de barro e fogo

PORTAS

onde achar a genuína:
lugar de retorno!
Onde está esse solo
conhecido por um corpo
passado aprisionado
cativo escravo
aquebrantado

Para onde voltam
as almas sedentas
desesperadas sôfregas
de rostos e identidades?
essa porta me parece
ser talvez
tão caminho quanto cativo
esse corpo não pode voltar!

Não saberia para onde regressar
engoliu tua escória do esquecimento
teu açoite arrancou
os rastros de casa
abriu novos caminhos
perfurou novas artérias
a transbordar
sangues-águas
de dentro desse corpo

Mares rios poços
mangues cachoeiras
açudes cacimbas
todos germinam
as águas-sangues
deste corpo
negro fissurado,
negro amargurado
negro rasgado
de dentro pra fora
de fora pra dentro:
NEGRO NEGRO NEGRO!

Então, verbalizem:
Onde encontrar
AQUELA e não essa
PORTA DO NÃO
RETORNO?
(Janaina Ferreira, 2023)⁴

Em seu rosto, agora africano, qual povo?
Ga? Ashanti? Ibo? Lavado, chorado, com
todas as águas das centenas de rios e
riachos (Brand, 2022, p. 160).

³ Este artigo é fruto do sexto capítulo da minha dissertação, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação do Prof. Dr. Roland Walter, intitulada: *Transcrita das Escrivências Literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves: vozes negras suplantando o trauma escravocrata*.

⁴ Nessas palavras, expresse a dualidade, a ambiguidade dos sentimentos que experimentei ao ler o livro da autora caribenha Dionne Brand. São interrogações que se fundiram na atividade reflexiva de compreender e me ver diante da Porta do Não Retorno. São indagações que persisti em fazer para me reconstruir no meio de portas, travessias, no limbo da Diáspora Negra.



Como descrever o sentimento de não pertencimento que caracteriza o viver negro da Diáspora? Para Dionne Brand (2022), ele transcendia a fronteira-mar da ilha. Um espaço que se confundia entre a ilha diante dos seus olhos e aquela descrita, narrada e construída pela BBC News. As vozes transmitidas pelo rádio os levavam para o mundo e trazia-o para eles. Um mundo distorcido, confuso e fictício. Dionne Brand parecia estar ciente do quão manipuladora eram aquelas vozes, o quão estratégico era a solidão da ilha e o quão presos todos se encontravam.

Assente no livro *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento*, provooco os seguintes questionamentos: o que implica essa Porta do Não Retorno ou não volta? O que ela influencia hoje na vida de milhares de negros da diáspora? Como explicar as experiências através da necessidade de retorno para os pontos de saída forçada, seja esse retorno real ou não? Antes de problematizá-los é preciso compreender onde (e o que) é essa Porta do Não Retorno:

é aquele lugar de onde nossa ancestralidade partiu de um mundo para o outro; do Velho Mundo para o Novo. O lugar onde todos os nomes foram esquecidos e todos os começos, reencenados. [...] essa porta foi o lugar de criação das pessoas Negras na Diáspora do Novo Mundo e significou ao mesmo tempo o fim de começos traçáveis (Brand, 2022, p. 19).

Para Carole Davies (2003), é um lugar onde os nacionalismos são rompidos e reescritos por autores(as) afro-caribenhos(as). São nesses conflitos que surgem novas tensões, nelas, novos eus e consciências prestes a habitá-los. Algumas se voltam para África (Porta do Não Retorno), outras se voltam para as memórias no “Novo Mundo” (novas (re)criações da) Portas do Não Retorno?), enquanto outras labutam⁵ diariamente para reconhecer suas raízes nesta terra e construir novas formas de entender a si mesmo e aos outros. São esses tensionamentos identitários que pretendo investigar nas obras: *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e *Maréia* de Miriam Alves.

Assim, o negro da diáspora é perpassado por várias consciências, as quais transcendem as narrativas pares entre África e América e/ou África e Brasil. Essas tensões (consciências) são explicitadas por Dionne Brand (2022, p. 144), quando afirma que a “impressão era a de que algo tinha de ser apagado e de que algo tinha que ser cultivado”. Cultivado involuntariamente, fazia-se presente até mesmo “nos

⁵ Uso o verbo "Labutam" no sentido de fazer-se sentir como parte integrada por completo na formação da nação brasileira ou e até na construção identitária continental americana.



sonhos”. Desse modo, “flutuávamos em uma ilha imaginária imaginando um Continente Negro”. À vista disso, como discutido no terceiro capítulo da minha dissertação, a diáspora se apresenta como uma espécie de condição de “nação” para os “*Strangers at Home*” (Davies, 2003, p. 84). Isso conversa com Dionne Brand (2022, p. 39) quando ela investiga os sentimentos não compreendidos dos negros da Diáspora diante da porta: “*The door exists as an absence*” (A porta existe como uma ausência). Ou seja, ausências, que são tanto definidoras quanto incompreendidas. Logo, essa “Diáspora Negra” é uma antítese entre a negação e uma estranha aceitação.

Pensar nas dimensões do *home* ou da Diáspora enquanto *home*, implica na reexaminação dos espaços e narrativas pré-estabelecidas. Nas palavras de Carole Davies (2003, p. 86): “eu afirmo conscientemente que as questões pós-modernistas de redefinição do significado da identidade, do lar, da história linear, das metanarrativas do eu e da identidade são desestabilizadas na escrita das experiências das mulheres negras⁶”. Por essa razão, a literatura negra ultrapassa fronteiras geográficas, políticas, identitárias em um processo “trans-cultural/trans-local”. Para Avtar Brah (2005, p. 187), *home* é tanto um “lugar mítico de desejo no imaginário diaspórico⁷”, e nesse sentido, “[...] é um lugar de não retorno⁸”. Como também, “[...] é a experiência vivida de uma localidade⁹”. Logo, “[...] está intrinsecamente ligado à forma como os processos de inclusão ou exclusão operam e são subjectivamente vividos em determinadas circunstâncias¹⁰”.

Para Dionne Brand (2022), “é apreender o signo que produzimos e ainda assim sermos incapazes de escapar dele a não ser em momentos radiantes [...] transformados em algo como arte” (Brand, 2022, p. 33). Logo, se a porta não se finda no espaço real, é possível encontrá-la de outras formas, uma delas seria por meio das narrativas. Desse modo, a Diáspora Negra é um não lugar, nascida da negação do pertencer, do imaginário e da necessidade de dar aquilo que à força tiraram: a esperança. Essa esperança não é apenas de regresso, mas de posse, de ter um lugar de memória para reelaborá-lo conforme sua recordação, suas crenças e seus

⁶ I am asserting consistently that all the postmodernist questions of redefinition of the meaning of identity, of home, of linear history, the metanarratives of the self and identity are destabilized in the writing of black women's experiences (Davies, 2003, p. 86).

⁷ [...] is a mythic place of desire in the diasporic imagination (Brah, 2005, p. 187).

⁸ [...] it's a place of no return (Brah, 2005, p. 187).

⁹ [...] is also the lived experience of a locality (Brah, 2005, p. 187).

¹⁰ [...] is intrinsically linked with the way in which processes of inclusion or exclusion operate and are subjectively experienced under given circumstances (Brah, 2005, p. 189).



costumes. Viver na Diáspora Negra é reinventar-se de dentro dos “grilhões raciais” (Morrison, 2020):

A porta é um lugar real, imaginário e imaginado. Como as ilhas e os continentes negros são. É um lugar que existe ou existiu. A porta além da qual pessoas africanas foram capturadas e postas em navios rumo ao Novo Mundo. Era a porta de um milhão de saídas multiplicadas. [...] A moldura da porta é o único espaço de existência real. [...] Castelos e fortes, [...] Castelo de São Jorge da Elmira e o castelo de Cabo Corso [...] todos aqueles castelos, suas portas robustas conduzindo aos navios, foram reunidos na imaginação como a Porta do Não Retorno (Brand, 2022, p. 35).

Uma coleção de lugares não visíveis (ou alcançados), mas sentidos por milhões de negros(as) diaspóricos(as). Segundo a autora, “para nós hoje na Diáspora essa porta existe como que através de um prisma, distorcida e trêmula. [...] Uma presença ausente [...] como se a porta estivesse arranjando seu próprio reflexo. Capturados entre os dois, vivemos na Diáspora, no mar, no entremeio” (Brand, 2022, p. 34-35). Assim, um dos deveres do(a) pesquisador(a) é entender ou, ao menos, provocar a busca pela compreensão dos sentimentos que pairam entre a Porta do Não Retorno e a Diáspora. Para explicar o resgate, ou melhor, a manutenção de determinadas raízes ancestrais dos povos africanos na Diáspora, a autora explica a porta por meio de duas categorias: o “horror” e o “romance”: “o horror, é claro, são os trezentos ou quatrocentos séculos de escravidão, seus vestígios foram e são o colonialismo e o racismo. O romance fala sobre o lugar além da porta, a África de nossas origens. (Brand, 2022, p. 36-37). Portanto, de acordo com Roland Walter (2008) e Conceição Evaristo (2020), compreendi, ao longo da minha pesquisa, essas escritas como “transescritas das escrevivências¹¹” negras diaspóricas.

¹¹ Para compreender a relação teórica ‘transescrita das escrevivências’, que pesquisei durante o mestrado, recomendo a leitura do artigo fruto do segundo capítulo da minha dissertação, intitulado: “Transescrita das Escrevivências Literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves”. Além disso, sugiro a leitura da minha dissertação, orientada pelo Prof. Dr. Roland Walter, PPGL-UFPE, intitulada: *Transescrita das Escrevivências Literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves: vozes negras suplantando o trauma escravocrata*.



1.1 Conversando com Dionne Brand no entremeio das narrativas do romance

Não há prisão maior do que a do espírito porque as correntes são invisíveis, não se apalpam, as mãos não as podem romper (Chiziane, 2023, p. 162).

A Porta do Não Retorno, a meu ver, é “um local de queda” (Brand, 2022, p. 37). Visto que é preciso desfazer-se do eu criado, projetado e dominado no imaginário racial. É preciso conversar, dialogar com os “eus” que pairam entre você e a porta. Você está disposta(o) a cair, a regressar, a desconstruir para (re)construir? A deixar ir para criar melhores formas de viver e conviver no (e com o) mundo? Essas perguntas estão alicerçadas na [...] “noção de perda irrecuperável daquelas mesmas coisas que tornam o retorno possível” (Brand, 2022, p. 39). A depender das circunstâncias, é no âmbito da narração, da consciência e do sentir a mais difícil volta à Porta do Não Retorno. Porque, implica a desconstrução do que se acreditava como verdade, “herança” e, sobretudo, como identidade.

A história do negro das Américas é formada pela ausência daquilo que se deseja incansavelmente: um home. A metáfora da casa e do lar de Toni Morrison (2020) dialoga com o argumento de Dionne Brand (2022, p. 39) quando ela diz que essa história é diferentemente “assobrada. [...] A história nos segue [...] e a história nos precede. A história já está lá, sentada na cadeira nesse espaço vazio, quando chegamos. Nossa posição social parece sempre se relacionar a essa experiência histórica” (Brand, 2022, p. 41).

Para tanto, a autora pontua a necessidade de perceber mesmo que por vislumbre a pessoa negra “[...] capturada em seu próprio corpo, em seus próprios pensamentos, fora da posse de sua própria mente; nosso esquema cognitivo” (Brand, 2022, p. 44). O negro da diáspora cativo do seu próprio sonho e preso ao “espectro do cativo”. É como uma metáfora do sonho em que é necessário construir “a porta”. Seja na casa racial, na supremacia branca, na negação do negro



brasileiro ou na Porta do Não Retorno o “esquema cognitivo” implica em primeiro plano a ação de adentrar afundo para reelaborar e só assim construir possíveis saídas.

Entretanto, Dionne Brand (2022, p. 47) alerta para a possibilidade de o esquema cognitivo ser o próprio cativo, assim como é a casa racial (Morrison, 2020). Significa que as ações e as reações estariam contaminadas por ele. A exemplo, ela cita ação inesperada e um tanto queixosa de Henry Louis Gates quando faz a seguinte pergunta ao líder do povo Ashanti, durante a gravação de um documentário sobre a possível volta à Porta do Não retorno: “por que vocês nos venderam?”. Para Dionne Brand (2022, p. 49-50), ele “faz uma pergunta infantil para a qual não há uma resposta”. Mas por quê? Bom, se “o esquema cognitivo for o cativo. [...] Então Gates só pode fazer essa pergunta, uma pergunta que não esperava uma resposta pois é uma pergunta, de fato, do coração”.

Quando se pensa no cativo, na casa racial (Morrison, 2020) ou na Diáspora Negra como espaço traduzido e agente dessa tradução na “copresença¹²” (Pratt, 2008; Hall, 2023), o corpo negro é situado no centro da discussão. Porque ele é revestido pelo próprio cativo. Ele “é situado na Diáspora como um signo de significados culturais e políticos particulares (Brand, 2022, p. 50). Signos esses presos à noção do cativo, do natural selvagem que mantém a condição do corpo escravo no corpo negro. Desse modo, o que (ou como) esse corpo negro que permanece nas Américas como sujeito cativo historicamente à escravidão faria ou sentiria ao se encontrar frente à Porta do Não Retorno? (O que eu sentiria? Talvez chorasse ou o vazio que me defini aumentasse. Está também é uma pergunta do coração). No entanto, de acordo com Dionne Brand (2022, p. 57): “[...] nem tudo o que emana dela é tristeza, mas também criatividade”.

Nas Américas, as pessoas negras que não regressam fisicamente às Portas do Não Retorno podem conhecê-las de outras formas por meio da literatura, da arte, da

¹² Na minha dissertação, (re)interpretei a Diáspora Negra como um espaço traduzido e um agente dessa tradução, por meio da “copresença” de Mary Pratt (2008) e da interpretação de Stuart Hall (2023). Ou seja, à medida que é traduzida pelo sujeito também o traduz. Para uma compreensão mais detalhada, recomendo a leitura do terceiro capítulo da minha dissertação, já mencionada anteriormente.



música, da dança e da religião. Essas formas não demandam “nenhum aparato exceto a mente”. Ou seja, “essa pessoa está lá e imagina um outro território, uma outra história, e nesse momento os falsos emblemas caem por terra”. Essas portas desestabilizam as narrativas da falsa construção de uma nação, “abre todos os nacionalismos para o seu vazio imaginativo” (Brand, 2022, p. 65).

Para a compreensão dessa Porta do Não Retorno é necessário o afastamento crítico do que “chama de cultura negra, incluindo gostos e sensibilidades estéticas diariamente utilizada como um pano de fundo criativo para mercados multinacionais” fruto de uma “[...] cultura generalizante e homogeneizante” (Brand, 2022, p. 67). Muitos(as) pesquisadores(as), como Canclini (2011), alentam para a necessidade e urgência da reflexão crítica acerca das representações generalizantes da cultura de massa sobre uma identidade negra. Assim, a tese é que através da literatura e outras artes é possível adentrar às portas e (re)construir identidades, crenças e culturas. Desse modo, uma das características que observo na “transescrita das escrevivências” da literatura negra-brasileira é a “contranarrativa” do esquecimento. Para Dionne Brand (2022, p. 78) “nós não temos uma ancestralidade, a não ser a água negra e a Porta do Não Retorno. Elas significam espaço, e não terra”. É esse o vazio que se instalou na Diáspora Negra que tentamos desesperadamente preenchê-lo com:

[...] a possibilidade de que, na verdade, uma pessoa pode não ser bem-vinda em seu retorno ao lar, mas talvez odiada, talvez esquecida. A ferida do exílio forçado de gerações passadas é agravada pela indiferença, pelo esquecimento. Ninguém na Índia lembra dele (Henry Louis Gates) ou da experiência que ele (Henry Louis Gates) representa. Ainda assim, ele carrega consigo essa memória ancestral particularmente amaldiçoada e esse esmagador deslocamento do eu que a paisagem não resolve (Brand, 2022, p. 78).

Contudo, por que insistimos (ou também, por que o sistema da branquitude insiste) em nos posicionar em direção a esse lugar esquecido e que nos esqueceu? “Por que eu caio na metáfora muito fácil da África como um lar, como uma mãe? É por que a porta induz sentimentalismo?” (Brand, 2022, p. 110). Será porque buscamos o que a América insiste em nos negar, o reconhecimento como seres humanos e cidadãos. Mas poderíamos chamar de retorno uma viagem à África? Não, “isto não é



retorno. Eu não estou indo para nenhum lugar onde já estive, a não ser na imaginação coletiva” (Brand, 2022, p. 110). Esta ida “é para recuperar o que foi deixado, para ver o que foi deixado – ainda que seja um saco velho, surrado pelo tempo, esvaziado de significado” (Brand, 2022, p. 114).

Indagando sobre a condição do meu corpo, simultaneamente fragmentado, imóvel e vazio, recomposto e rizomático, em constante metamorfose do vazio e do preenchimento identitário do existir em diáspora, interrogo-me sobre o que emana dessas portas que poderia mitigar, sarar, me completar enquanto pessoa negra no mundo? O que meu corpo tanto anseia delas, que persiste em se direcionar à sua narrativa, seu imaginário? O que essa arquitetura me confidenciaria de antigo para que eu pudesse erigir um novo? O que a porta me revelaria quando eu me defrontasse com ela, fitando-a, perscrutando qualquer vestígio de uma raiz ancestral, de uma memória, de um corpo que não existe mais? Em sua arquitetura, será que depararia com um desenho, uma arte, um risco, um traço, uma fissura, um fio, uma marca que me possibilitasse criar um mapa identitário e traçável?

Será que quando, há séculos, o meu corpo transpôs uma dessas portas, ele já não se encontrava tão vazio quanto está agora? Por que obstinamos em lembrar que nos tornaram cativos apenas nos porões, nas senzalas, na casa grande, na plantação, no troco? Não era eu, cativa quando me ataram no mato, quando devastaram minha casa, meus parentes, quando exterminaram minha prole, quando estupraram minha irmã? Não era eu, cativa quando arrastaram meu corpo já quase exangue, morto, aberto, nu aos calabouços dos portos? Será que não estaria eu, tão cativa na travessia quanto ainda me encontro agora? Como encontrar história numa não história? Como encontrar meu rosto em um lugar que nunca pode ter visto o de antes, aquele que desconhecia a face branca europeia? Como encontrar um fragmento do eu antigo e de um passado em uma narração que pode ser tão cativa quanto fomos e estamos no direcionar nossos corpos à Porta do Não Retorno? Como se reconstruir perante isso e perante o novo, o qual é tão colonizador, escravista e mortífero quanto o de outrora?



1.2 Imaginar-se na Porta do Não Retorno: reflexões sobre o vazio identitário

Quantos caminhos percorro
A quantos choros recorro
Ao fim de cada cansaço
O que é aquela cama
Que daqui observo?
Vazia e desfeita
Como o acontecido?
Quantas perguntas me faço
Se certo ou errado, ou pura desatenção?
Se procedente ou contrário
(Nascimento, 2015, p. 66).

Ao ler o livro *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento*, de Dionne Brand, eu me perguntei se essa porta, ou melhor, essas portas, poderiam ser um lugar de retorno, real ou fictício para os negros escravizados nas Américas. Primeiro, não queria reduzi-los a corpos vazios, aprisionados na travessia dessas portas, sem considerar sua alma, suas raízes, seus sonhos, suas derrotas e suas vitórias. Isso me perturbou. Então, eu me lembrei do desafio de Toni Morrison em sua escrita literária e ensaística: a “casa racial”, e, à visto disso, faço a seguinte indagação: Essa porta também não seria marcada por grilhões raciais?

A porta significa o momento histórico que influencia todos os momentos da diáspora. [...] A porta existe como uma ausência. Uma coisa sobre a qual, na verdade, nós não sabemos, um lugar que não conhecemos. [...] todo gesto de nosso corpo gesticula em direção a essa porta. [...] a Porta do Não Retorno como consciência. A porta lança um feitiço de assombração na consciência pessoal e coletiva na diáspora (Brand, 2022, p. 39-40).

Essa Porta do Não Retorno, real ou fictícia, representa não só o vazio, a ausência e o desenraizamento que os negros diaspóricos sofrem cotidianamente, mas também os poderes coloniais que as construíram. Elas são, em parte, produto desse sistema e de certa forma também pertencem a ele. Elas expressam seus poderes, seu controle e suas crueldades. Essa Porta do Não Retorno como um lugar é também um lugar do colonizador. Assim, voltar a essas portas com a esperança de



se sentir em casa, de voltar à origem, é uma ingenuidade nossa. Buscamos ingenuamente uma raiz real e permanente que nos mostre uma África que não existe mais. Uma ilusão criada pelas grandes mídias, que impõem uma narrativa universal, colonial. Não há retorno ao nosso lugar de origem, nem sabemos onde é. A África como casa dos negros diaspóricos é, em parte, um discurso da branquitude, que nos nega um lugar de pertencimento. Mas esse sistema se esquece que apagou o nosso lugar de origem da nossa memória, da história, dos mapas.

Não quero dizer que não se deva ou que não seja bom voltar-se a esses escombros da memória. Pelo contrário, é preciso, necessário essa volta para nos encontrarmos diante de uma parte da história negada, apagada e ocultada pela narrativa do colono. O importante que tento pontuar com essas problematizações é que devemos voltar a essas Portas do Não Retorno com a consciência de que são escombros da memória, são vestígios do que sobrou, e trilha não apenas nossos rastros negros escravos, cativos, amordaçados e esvaziados do ser característico de humano. Elas trilham os rastros colonos também, e, talvez, elas emanem mais o lado deles do que o nosso. Por isso aponto a necessidade, o cuidado de não cairmos na armadilha da casa racial, do espectro do cativo, essas portas são paisagens dos escombros da memória. Uma memória que não é pura, que não grita, não desenha, não performativa apenas a negritude, o não existir negro, o corpo cativo. Ela descende e circunscreve o poder, a influência, as atrocidades e crueldades do colonizador também.

Segundo a colonização “corpo e mente” de Fanon (2022), a Diáspora Negra pode ser uma forma de cativo. O corpo negro já estava “cativo” antes de embarcar no navio (sob o poder colonial). E voltaria como cativo? Cativo de uma história cruel, um passado aberto, não resolvido. É preciso ver que esse sentimento nem sempre é íntimo ou individual. Muitas vezes, é provocado pelas condições de desenraizamento, pelo consumo dos estereótipos e histórias únicas da mídia. Conforme bell hooks (2022, p. 157), “a luta militante Black Power [...] também produziu uma cultura de desespero, porque o apoio à violência e ao imperialismo era um componente central dessa agenda”.



De maneira similar, podemos ver que essa porta também é uma narrativa do invasor, do dominador. Logo, questiono: como encontrar as verdadeiras respostas que precisamos nessas portas? Como acreditar que mostrariam mais do que o colono quer que elas revelem? O que elas falam de nós e o que elas gritam deles? O que elas sabem de nós, que ignoramos? Elas viram nossas marcas, nossa nudez, nossas correntes, nosso vazio, nosso abatimento, nosso silêncio, nossa derrota, a escravidão. Mas não são essas imagens que esse sistema, que nos exclui e nos mata, nos impõe diariamente?

Ao nos focarmos somente nessas construções das Portas do Não Retorno em África, podemos nos esquecer de que elas talvez não tenham visto (ou não saibam) como vivíamos, a que povo pertencíamos, quais deuses(as) adorávamos, quais comidas preparávamos, quais línguas falávamos. Pois, sob o domínio do colonizador, elas apagaram nossas lutas, nossa cultura, nossa espiritualidade, nossos ritos, nossas danças, nossos nomes, nossos filhos, assim como eles. Elas não viram nossa vida, nossa organização, nossa sociedade. Elas não ouviram nossa voz, nossa música, nosso grito, nossa promessa de voltar e cuidar dos que amávamos. Elas também são e emanam a marca do apagamento, uma destruição cruel. Regressar a elas em busca de resposta pode implicar em um voltar com mais fome. Porém, entendo que essa fome, essa busca, essa necessidade de recuperar o que nos roubaram, o que destruíram, é a faísca para a reconstrução de memórias negras. A palavra presa na língua do avô de Dionne Brand abriu mares de desconhecimento. Para ela, a palavra presa foi o suficiente para buscar preencher o vazio entre ela e o avô, um vazio que se estendeu entre eles e a ilha, entre eles e o mar. Essas Portas do Não Retorno, ou seja, portas sem respostas, podem acender em nossas almas a busca infinita do que desconhecemos, do que fomos e do que podemos vir a construir.

É importante vermos o poder colonial que se esconde na ideia de modernidade, para entender por que essas portas não são apenas “lugares de retorno”. Como diz Dionne Brand, não há retorno, pois nunca estivemos lá. E se eu a enxergar, exclusivamente, como meu lugar de origem, ou como um lugar que me dará respostas sobre minhas origens e identidades, eu não me liberto dos grilhões



raciais (Morrison, 2020): não estaria eu tão cativa, tão presa, quanto meus ancestrais ao passar por elas? Outro aspecto que destaco neste artigo e que considere é que essas portas não estão só na África, nos portos ou museus. Elas estão na plantação, na casa grande, no navio e no mar, dependendo de onde você quer voltar. Elas são “desterritorializadas”, na sua forma física ou imaginária.

Saber a história antes da invasão dos europeus é essencial. Mas isso não significa que as identidades do negro no Brasil e da diáspora se baseiem apenas no que sobrou da África em nossos corpos e memórias, que foi pouco. Esse pensamento do negro como um sujeito em diáspora, que sonha com uma terra preta, uma terra-mãe: é um discurso da casa racial. Conforme Beatriz Nascimento (2021, p. 50), ela acendeu nos negros o sonho e a esperança de um reencontro com a África pura, o que nega as raízes negras da fundação do Brasil. E também criou a ilusão da África como lar para milhões de negros:

[...] “Porque a dominação ocidental se encarregou não só de usar fisicamente seus dominados, mas também, sob forma de ideologia, impregnou-os de seus hábitos, de seus fins, de sua moral”. Em outras palavras, não existem mais “bons selvagens”, como não existem mais “negros puros” que saibam seu ramo africano no Brasil” (Nascimento, 2021, p. 50).

Diante dessas problematizações, investigo e reinterpreto essas Portas do Não Retorno como paisagens, fixas e não fixas. Quando as vejo como paisagens, eu vejo um corpo negro ainda cativo. Ele está sob essa porta, que emana e está em relação com outras paisagens. Assim, essas paisagens me permitem analisar todos os lugares que as construíram, não só especificamente os países da África, mas o país colonizador, invasor, cruel. Também é possível imaginá-la como paisagem no romance, na oralidade e no corpo negro. Seguindo Glissant (2023), ela será um “rastro”. Dessa forma, essas portas serão mais do que memórias (Assmann, 2011). Serão reconstruções das nossas (e outras) paisagens. Elas também mostrarão as imagens alheias, as imposições de um sistema branco dominador. Se as virmos apenas como um caminho de volta, ficaremos presos na casa racial, na narrativa e nos



poderes da branquitude. Por isso, quero imaginar o que elas emanam além das dores e dos traumas da escravidão.

Ainda, entendendo essas paisagens como um não lugar, que se apresenta para nós e para nossa memória como uma paisagem de muitos lugares, narrativas, corpos e rostos que não conhecemos, encontro rastros que não se percebe de início. Conforme Dionne Brand (2022, p. 26): “nossas origens pareciam estar no mar”. Neste artigo investigo regressos à Porta do Não Retorno nas narrativas e por meio da literatura negra-brasileira analiso as formas de reconciliação com o passado, a “cura” de um trauma sempre à espreita, a volta para portas criadas, imaginadas, mas que reverberam (ou não) significados capazes de desconstruir a ideia única da escravidão e o destino traçado para milhares de pessoas negras. Por essas e outras razões, em concordância com Dionne Brand (2022, p. 249): “depois da Porta do Não Retorno [...] um mapa, então, é apenas uma vida de conversas sobre uma lista esquecida de eus irre recuperáveis”. E é essa lista esquecida que insiste em ser lembrada para além dessa porta: eu e você, todos os descendentes dos negros africanos escravizados que cruzaram o Atlântico Negro.

2. Ponciá Vicêncio e Maréia no regressar à Porta do Não Retorno

O tempo indo e vindo. E neste ir e vir, Ponciá Vicêncio voltava para ela (Evaristo, 2017, p. 107).

Não somos ilhas, existiremos nas memórias e nos fatos (Alves, 2019, p. 130).

Ao ler a narrativa não ficcional de Dionne Brand (2022), construí muitas imagens do que poderia ser essa porta. Uma das possibilidades à qual cheguei é que ela pode ser interpretada como diversas paisagens em um determinado lugar a emanar muitos outros lugares. Outra possibilidade trata-se da literatura negra como instrumento de narrar e reelaborar a Porta do Não Retorno. No entanto, não lidamos apenas com o desejo de voltar à África, mas também com o de (re)construir uma



identidade que a escravidão destruiu nesta terra. Primeiro, precisamos lidar com o que foi rompido, arruinado e que é “irrecuperável”: a cultura, a memória, a herança e a história dos nossos ancestrais.

Dionne Brand (2020) cita uma pesquisa do professor Henry Louis Gates que levou pessoas negras dos EUA para conhecer os locais de partida (portos) de milhões de negros(as) escravizados. Durante o documentário, não há um rosto que expresse certeza ou conforto. Alguns se chocam ao saber que o reino Ashanti lucrou muito com a venda de escravos. Outros se perdem sem saber o que dizer, o que sentir ou se sentiram algo diferente. Então, percebo que o retorno físico não supre essa “ausência” que mantém os olhares negros voltados para essa porta. A própria autora, constatou isso ao dizer:

Ninguém retorna para a Diáspora com boas notícias da porta, a não ser notícias de que ela existe e de que a existência dela é verdadeira. Seu eterno “não” nega alívio para as pessoas, nega um fim ou uma reconciliação. Algumas pessoas relatam uma noção de familiaridade além da porta; outras falaram sobre uma acolhida ou não acolhida. Mas o luto delas, o nosso luto, permanece insaciável em um nível profundo. Nenhum olhar pode de fato confirmar a porta, nenhum lugar real pode efetivar o lugar perdido. Não em qualquer sentido pessoal (Brand, 2022, p. 40-41).

Assim, o que fazer com a própria existência? Como lidar com ela? Como reconstruir a história sem que a dor, o luto e o vazio dominem as narrativas de (re)formulação e (re)criação das identidades negras? Para entender e aprofundar mais a existência desse lugar/espço, pensei nele como paisagens que vão além da Porta do Não Retorno. Ou seja, lugares limítrofes nas narrativas de deslocamento, de memória e de reescrita de uma história esquecida.

Logo, é necessário compreender o que sobrou, o que fazer com isso e como entender esse retorno, que não será só para a África. Assim, seria a postura consciente diante da reconstrução do pensamento sobre espaços e narrativas mal compreendidas. O que quero dizer é que esse regressar não significa voltar apenas para os locais de partida. Pode ser o que bell hooks (2022) disse sobre a comunidade do amor, o que Toni Morrison (2020) nos contou com a metáfora do lar e o que



Beatriz Nascimento (2021) destacou ao afirmar a importância de estudar o negro brasileiro como cidadão e identidade do Brasil. Para mim, essa Porta do Não Retorno, envolve entender de onde e como saiu, reconhecer o que perdeu, o que conservou e o que foi (e não foi) transculturado. Para depois, pensar em como (re)construir tudo isso no trabalho da (re)elaboração do trauma escravocrata e na (re)modelação da casa racial em um espaço dialético.

Diante disso, interpreto a literatura de Conceição Evaristo e Miriam Alves como um caminho capaz de subsidiar esse regresso na (re)elaboração do trauma, da ausência, da dor e do vazio. A partir dessas “transescritas¹³” (Walter, 2008), analiso diferentes Portas do Não Retorno que dialogam entre si. Por exemplo, Ponciá Vicêncio e Dorotéia experimentaram retornos diferentes. Ponciá “ia e vinha no tempo cá dentro do seu recordar” (Evaristo, 2017, p. 48), mas não voltada conscientemente para uma terra imaginada, e sim, para o lugar antes conhecido e reelaborado como lar para ela e toda a sua família.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? [...] Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. [...] Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (Evaristo, 2017, p. 40).

Além das voltas inconscientes através dos sonhos, do tempo e da memória, Ponciá Vicêncio regressa à vila fisicamente. Lá, seu corpo experimentou a sensação de reviver toques, sentimentos, cheiros e presenças que antes havia compartilhado com aquele espaço. Esse retorno caracteriza-se pelo ato de remodelar a diáspora em um espaço possível de habitá-lo (espaço esse, tanto físico quanto imaginário, como descrito no seguinte trecho):

[...] escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá, feitos pela mãe. Escuto o barulho do irmão levantando, várias vezes, à noite e urinando lá fora, perto do

¹³ Para uma compreensão aprofundada do conceito de “transescritas”, sugiro a leitura das obras do Professor Dr. Roland Walter, autor e pesquisador do conceito. Em especial, recomendo o livro “Afro-América: diálogos literários na Diáspora negra das Américas”, além de diversos artigos acadêmicos que ele publicou ao longo de suas pesquisas.



galinheiro. Escutou as toadas que o pai cantava. Escutou os galos cantando na madrugada, no galinheiro vazio. Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros risos do homem-barro que ela havia feito um dia (Evaristo, 2017, p. 49).

Já Dorotéia experimentou retornos à terra imaginada, África. Através de sonhos e memórias, atravessa as barreiras do tempo-espço e conhece o lugar de partida e de morada dos seus antepassados. Ainda, cultiva a esperança de reescrever um passado e possibilita novas formas de vida a sua neta, Maréia. Conversa, sorri, canta e encanta ao lado dos que já se foram — mas que se fazem presentes por intermédio da crença, fé e amor. Compreendo as escritas de Ponciá Vicêncio e Dorotéia como retornos narrados que possibilitaram determinadas sensações de regresso e (re)elaboração da dor e do trauma:

Dorotéia, ao deixar a mente vaguear, olhando o rastro prateado luminoso, formado pela incidência dos raios lunares sobre as águas, percebeu que eles se expandiam, alongando-se. O céu espelhava-se no mar. O mar espelhava-se no céu. Surgiu uma abertura estreita, que se dilatava, intensificando-se em luminosidade, com um magnetismo que a atraía para aquela passagem cônica. Relâmpagos riscavam o espaço, traçando inúmeras rotas a seguir, e luzes violáceas pipocavam, como fogos de artifícios na virada do ano novo. Ela, sentada no terraço, via-se espelhada entre o céu e o mar, e observava a si mesma sendo levada, em câmara lenta, por aquela brecha. Vivenciava o seu “ẹbun”, compreendia que seu corpo não começava e nem terminava na sua pele, via-se desdobrada numa expansão luminosa (Alves, 2019, p. 110).

Logo, entender a narrativa e a existência da Porta do Não Retorno implica no árduo trabalho da (re)elaboração do trauma e das feridas que não se curaram com os falsos nacionalismos e com as identidades projetadas como marcadores sociais, dividindo nações e excluindo as massas à margem. Então, essa porta consiste na consciência de que algo não se completa, de que essas narrativas impressas e publicadas pela grande mídia não são nossas. De que a África, como uma unidade linguística e cultural, não existe e nunca existiu. E, mais importante, nos mostra que a narrativa de África como lar para milhares de negros diaspóricos não é real. E, quando essa problematização faz o “véu da raça” cair, é necessário lidar com a frustração de que, para nomear, será preciso (re)nomear. Para planejar um futuro,



será necessário voltar-se a esse passado esquecido e juntar o que restou daquilo que não foi destruído.

Por essa visão, é que analiso as obras *Ponciá Vicêncio* e *Maréia*. As personagens se reconstróem sobre os destroços da escravidão e de sua herança. Com isso, defendo que a literatura é uma porta entreaberta que nos possibilita ir, revisar, observar os destroços, abraçar o necessário e reconstruir novos caminhos. Enquanto isso, teremos a Porta do Não Retorno sobre nós, um lembrete de que somos de muitos outros lugares ao mesmo tempo. Nossas escritivências compartilhadas se espelham e se refletem por toda a América e por vários países de África. A escrita de Conceição Evaristo é espelho da escrita de Tereza Cárdenas. Assim como é espelho da escrita de Toni Morrison, Yaa Gyasi, Paulina Chiziane, Chimamanda Adichie, dentre tantas outras¹⁴. Compartilhamos a herança dos navios negreiros, carregamos a marginalização, a subalternização, o racismo como marca dessa experiência. E por isso, precisamos subverter as diferenças e fortalecer os elos ancestrais no processo contínuo da “transescrita das escritivências”.

Essa é uma das tarefas sobre a Porta do Não Retorno, casa racial e Diáspora que identifico na literatura negra-brasileira. Ponciá Vicêncio, filha das águas e do barro, recria muitas paisagens dessa porta durante a árdua tarefa de cura, de consertar elos rompidos e de (re)escrever uma antiga história. Uma das Portas do Não Retorno encontrada em (e entre) Ponciá é a memória do avô. As marcas físicas incrustadas no seu corpo relembram uma resistência que não poderá ser apagada nem esquecida. Ela paira sobre toda a família e a acompanha em todos os lugares, seja na vila ou na cidade. Ponciá Vicêncio está sempre entre duas ou mais portas: “[...]”

¹⁴ Além dessas escritoras, cito Isabel Allende, escritora chilena, considerada branca em diversos lugares, mas com a marca da latinidade sempre presente, a reformular o impacto de sua presença em diversos espaços. Coloco-a como uma provocação que acredito ser um caminho para pensarmos além da casa racial, para íamos além dos grillhões. Não seria, também, a escrita de Isabel Allende um exemplo de uma diáspora habitada e influenciada por todos, independentemente da raça? Essa casa racial e essa diáspora interpretada por meio da copresença, essa diáspora que traduz e é traduzida por negros e brancos, obviamente considerando que é muito fácil e confortável para o branco, pois ele possui os poderes para controlar as narrativas e discursos dessa casa, no entanto, nem percebe que está tão preso quanto aqueles que insiste em acorrentar. Além disso, essa diáspora que nos posiciona diante da Porta do Não Retorno. Sua escrita, não seria um bom exemplo de como esse branco, que tanto insiste em negar nossas raízes no seu sangue, no seu corpo, no seu modo de viver, foi afetado por nós e nossa cultura, que tanto desejou destruir? Não seria um bom exemplo de pensarmos esse branco preso ao racismo enquanto uma “neurose cultural”, como discutido por Lélia Gonzalez (2020)? Acredito que sua escrita, no livro *A Ilha sob o Mar*, mostra esse branco tão miserável quanto aqueles que ele insistiu em acorrentar, escravizar e matar. Uma escrita que podemos dialogar, pôr em relação, na voz de Édouard Glissant (2021) sob uma “poética da relação”.



teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. [...] De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo (Evaristo, 2017, p. 43). Tanto no livro *Ponciá Vicêncio* quanto em *Maréia*, as autoras narram retornos por meio da herança religiosa que foi mantida e cultivada durante e pós a escravização: “[...] A fé garante a vida, a continuidade e a certeza da magia do retorno. Retorno de um objeto sagrado trazido para o Brasil por um escravizado e que fora roubado” (Alves, 2019, p. 9).

Ponciá Vicêncio e Dorotéia revisitam diariamente a Porta do Não Retorno por meio da memória que insiste em manter-se nos seus corpos. Em *Ponciá*, a primeira porta que se mantém sempre à espreita, como algo que chama sempre pela personagem protagonista e que se coloca como destino, é o rio. Desde o nascimento ela está voltada para ele assim como ele clama por ela: “[...] andava, chorava e ria dizendo que queria voltar ao rio. Luandi acercou-se carinhoso da irmã dizendo-lhe que sabia o caminho do rio e que haveria de levá-la” (Evaristo, 2017, p. 106). Depois tem a presença de Vô Vicêncio no corpo-alma de Ponciá. Ela modela essa porta na pequena estátua em memória a Vô Vicêncio: “Ponciá Vicêncio tirou o homem-barro de dentro do baú, colocando-o em cima da mesa. [...] A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio então a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma (Evaristo, 2017, p. 43).

Toda a vila emana memória, dores, amores, lembranças que não podem ser apagadas. Outra escrevivência que se configura em uma porta, a qual passa despercebida por causa do nosso olhar que é contaminado pelas narrativas da “supremacia branca” (hooks, 2022): é a fazenda. O lugar de toda a dor e trauma de Vô Vicêncio, o lugar onde sua ancestralidade foi morta, torturada e escravizada. Uma porta que insiste em nos impedir de revisitá-la: a porta da história, da memória.

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou



deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens (Evaristo, 2017, p. 26).

Várias paisagens que emanam dores e que direcionam os corpos negros para um lugar distante, uma origem que o sobrenome Vicêncio nega para todos da Vila. Mesmo assim, Ponciá Vicêncio, uma mulher negra situada na diáspora, adentra várias portas, refaz os lugares em sua memória e reescreve os sentimentos que antes não foram compreendidos. Ponciá, ao mesmo tempo que atravessa essas portas, é (re)visitada por elas, como se alimentasse em seu corpo algo que insistentemente a lembrava de um lugar nunca conhecido, nunca visitado. Um lugar ligado pelas águas, rememorado por Vô Vicêncio, mantido por Nêngua Kainda e experimentado pelos banhos de rios e pelo modelar do barro em vida. Um lugar preservado na memória inscrita nos escombros da terra.

Em *Maréia*, analiso a Porta do Não Retorno nas escritas de Dorotéia. Semelhante à Ponciá ela adentra essa porta através da memória e dos sonhos. No entanto, ela se volta a um lugar distante, um lugar cultivado pelas lembranças orais dos seus ancestrais. Ela retorna às narrativas para entender e conhecer o passado e assim reconstruir o futuro da neta, quer dizer, ela volta aos entre-lugares da memória:

Num certo entardecer, percebeu-se rodeada por um clarão ofuscante; ela transcendeu, sentiu sob os pés descalços a areia fofa e úmida. Avistou ao longe uma montanha, encaminhou-se naquela direção, atraída por um zun-zun-zum; ao chegar a uma clareira, aproximou-se das falas proferidas em outro idioma. Vestia, como por encanto, um manto prateado, confeccionado por mãos diáfanas, que o urdiram entrelaçando os fios de vidas e destinos de seus ancestrais, fios que seguiam várias direções, delineando contornos, que, interligados, se estendiam formando outros tantos desenhos, numa trama intrincada, que se emaranhava e desemaranhava. Do ponto onde estava, desdobravam-se várias trilhas. A túnica que lhe recobria faiscava, emitia facho de luz, como um farol (Alves, 2017, p. 80).

Miriam Alves, ao narrar essa experiência de regresso por meio da personagem Dorotéia, reformula um passado distante. Ela reconstrói um de tantos outros inícios das experiências negras na América. Ela faz uso da religião para incendiar a pequena fogueira que existe na alma do povo negro. Narra um retorno para a reconstrução



das identidades longe das idealizações brancas europeias. E assim, reconstrói a Porta do Não Retorno descrita por Dionne Brand (2022) como possibilidade de reformular narrativas, de consertar o hímen-Terra rompido, de adorar os Orixás, deuses e deusas que nos acompanharam na travessia do oceano e fizeram dessa terra seu lugar para proteger seus filhos e filhas perdidos, sem lar. Dorotéia, Ponciá e Maréia são espelhos e reflexos desse entremeio.

Outro elemento que remete à Porta do Não Retorno é a natureza nas duas obras. Tanto Ponciá Vicêncio como Maréia possuem a capacidade de ouvir os sons das árvores, do mar, dos insetos, do rio, do barro, o que possibilitava às personagens meios para recriar, regressar nas suas memórias: “à sua passagem, os galhos das árvores se afastavam, os desenhos do manto que vestia criavam vida própria, movimentavam-se, numa dança sincronizada ao seu andar; era harmonia e leveza” (Alves, 2019, p. 81). Enquanto nas memórias de Ponciá: “[...] Gostava de ser ela própria. [...] Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé” (Evaristo, 2017, p. 13).

Essas passagens evidenciam a influência que o contato com a natureza tinha na vida das personagens. Atenta-se para a relação entre corpo-terra desencadeada tanto pela memória quanto pelas experiências concretas. Essa relação foi rompida com a colonização e a escravidão. Essas transcritas interpretam a natureza, a terra como um “organismo vivo” (Krenak, 2020, p. 42). Organismo esse necessário tanto para Ponciá quanto para Maréia para a recriação da memória e reconstrução da história. Esse organismo que confunde tempos e espaços, que está a remodelar cada lembrança e apontar para a coexistência dos mundos. Para Ailton Krenak (2020):

devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo. [...] Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora como ‘natureza’, mas que por alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos (Krenak, 2020, p. 69-70).



A concepção da natureza enquanto “organismo vivo” do escritor indígena Ailton Krenak (2020) dialoga com a filosofia do “povo Dagara”, explicada pela pensadora Sobonfu Somé (2007). Para ela, a “vida é diretamente inspirada pela terra, pelas árvores, montanhas e rios. Assim, o relacionamento entre homem e natureza é traduzido na construção da comunidade e das relações entre as pessoas” (Somé, 2007, p. 17). Para Sobonfu Somé (2007, p. 35), a “comunidade é o espírito, [...] um mundo de espírito à nossa volta, espírito do mundo animal, da terra, das árvores, e assim por diante”. Pontuo que foram essas relações que intensificaram a coexistência entre personagens e natureza, Ponciá tinha o rio e o barro como herança de uma história que nunca poderia ser apagada. Já Maréia fincava suas raízes no mar, caminhava na velocidade das ondas, reformulava os caminhos e voltava trazendo aquilo que sempre pertenceu à sua família. As duas compunham a natureza no corpo, na alma e no espírito. Ponciá miniaturava o mundo no barro, enquanto Maréia musicalizava as vozes dos mares para um mundo intransigente. Juntas, reformulavam com os seus, diversas paisagens da Porta do Não Retorno.

2.1 Pesquisa em movimento: um contínuo movimentar-se por entre tempo-espço

Retomando as discussões acerca da Porta do Não Retorno com base nas duas obras, percebo que essa porta é tão fictícia quanto real. Da mesma forma que nosso passado se faz presente tanto nas narrativas como nas situações reais da sociedade, o racismo é um exemplo. Outro ponto é que a maioria dos negros da Diáspora nunca vai experimentar esse regressar físico para os destroços que sobraram dessa longa e traumática experiência histórica. Então a tarefa que fica é alcançar essa e outras portas por outros caminhos. Caminhos que permitam a atividade de reconstrução desse destino já programado que assombra todos os corpos negros diaspóricos.

Por meio da “transescrita das escrevivências”, constato que autores(as) da literatura negra-brasileira narram o regresso às Portas do Não Retorno na árdua tarefa de recolher o que sobrou de um passado traumático e o (re)elaboram para



descentralizar uma narrativa branca universal, que atua na marginalização da mente, alma e corpo negro. Conceição Evaristo (2017) cria Portas do Não Retorno semiabertas para que Ponciá Vicêncio possa retornar e se refazer nas águas do rio e na modelagem do barro. Nessa obra, essas portas de dentro da diáspora apontam inconscientemente para as Portas do Não Retorno em África: o choro-riso de Vô Vicêncio, a morte do pai na casa grande, a perpetuação do servir em empregos subalternizados são registros do não-pertencimento que faz com que negros(as) se voltem a uma terra imaginada e reinventada como lar. Em *Maréia*, Dorotéia regressa à Porta do Não Retorno através do sonho e da memória. Um lugar parecido com o que Dionne Brand (2022) discute quando imagina um retorno. Por mais que Dorotéia nunca tivesse pisado naquelas terras e águas, sentiu-se em casa por estar com pessoas que as reconheceu como família.

Um elo passado que foi mantido através dos tempos pela rainha Mãe das águas. Se seu povo é impedido de regressar e experimentar sozinho o sentimento de volta ao que acredita ser o seu lar, a literatura narra, transcreve, imagina esse sentir tão vazio e solitário no mundo. Dá esperança para continuarmos reescrevendo um destino tão penoso. Dionne Brand (2022) — nos dá a possibilidade de entender o sentimento da ausência, o qual ao mesmo tempo que passa um sentimento de vazio, nos define. Uma “ausência” que marca as escrevivências de todos os negros da diáspora. Uma ausência que Conceição Evaristo e Miriam Alves recriam de forma a transformar essa diáspora em lar. Um lugar de amor, compaixão, solidariedade e de família. Suas escritas marcadas pela “transescrita das escrevivências” negras diaspóricas (re)constroem as dores passadas conhecendo a si próprio através do amor no árduo trabalho da suplantação do trauma. Um autoamor que transcende o eu individual e entrelaça Dorotéia, Ponciá, Maria, Luandi, Vô Vicêncio e todos os outros personagens.

3. Referências

Ferreira, Janaína. *Diáspora Negra: um Entre-Lugar na Porta do não retorno e o seu Reflexo*. Revista Diálogos. 2024. v. 12, n. 3.



ALLENDE, Isabel. **A Ilha sob o Mar**. Tradução: Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ALVES, Miriam. **Maréia**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 2005.

BRAND, Dionne. **Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2022.

CANCLINI, Néstor. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. 1ª ed., Companhia das Letras, 2023

DAVIES, Carole Boyce. **Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject**. New York: Routledge, 2003.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: **I Colóquio de Escritoras Mineiras**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/conceicao-evaristo-por-conceicao.html>. Acesso 23 jun. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o Nexo Jornal, em 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18 mai. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. Disponível em:



<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510> . Acesso em: 10 dez. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans Ulrich. **Conversas do arquipélago**. Tradução de Feiga Fizon. Salvador: Editora Cobogó, 2023.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Salvador: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende... [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

hooks, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões**. Tradução: Odorico Leal. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. Organizado por Alex Ratts e Bethania Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Org. Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PRADO, Maria Ligia C. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, vol. 0, nº 153, dezembro de 2005, p. 11. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.voi153p11-33>. Acesso 20 mar. 2023.

PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes: travel writing and transculturation**. 2. ed. London: Routledge, 2008.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.



SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. Tradução Deborah Weinberg. 2. ed., São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

WALTER, Roland. **Afro-América: Diálogos Literários Na Diáspora Negra Das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.